

Médicos divergem quanto à 'coisa'

SÃO PAULO - Cresce entre os médicos da equipe que assistiu o Presidente Tancredo Neves no Instituto do Coração a suspeita de que as crises batizadas de "a coisa" não tenham sido de bacteriemia, mas de hipersensibilidade. As manifestações orgânicas - taquicardia, aumento da frequência respiratória e arroxamento de dedos - são semelhantes nos dois casos.

Segundo um dos gastroenterologistas da equipe do médico Henrique Walter Pignotti, as crises de hipersensibilidade seriam como que reações alérgicas a alguma substância produzida ou liberada pelas bactérias que o contaminaram. Nesse caso, os antibióticos teriam conseguido matar as bactérias, (a partir de determinada fase da doença os exames não registravam sua presença), sem, entretanto, conter as manifestações do organismo.

Outra hipótese é a de que as reações ocorressem em consequência da circulação, na corrente sangüínea, de partículas de bactérias já mortas. Assim, o organismo, com a reação a elas gravada numa espécie de "memória", renovava periodicamente sua "resposta".

Um dos indícios a reforçar a suspeita de hipersensibilidade (que chegou a ser discutida entre os médicos da equipe enquanto o Presidente ainda vivia) foi o registro, em várias fases da doença, da presença no sangue de anticorpos de hipersensibilidade - evidência de que ela, tanto existia, que o organismo procurava combatê-la.

Persiste também entre os médicos de Tancredo dúvida quanto ao preciso momento em que o quadro degenerou para septicemia (infecção generalizada), apresentada como uma das causas da morte do Presidente.